

William Burroughs, "drogas" e parresía

Wander Wilson Chaves Júnior¹

resumo:

Este artigo pretende esboçar algumas considerações a respeito do veículo da atitude cínica da parresía, tal como situado por Michel Foucault, a partir do estilo de vida de William Burroughs, escritor da geração *beat*, que não se furtou de experiências com substâncias psicoativas até o fim de sua vida em 1993.

palavras-chave William Burroughs, Drogas, parresía

As drogas integram a história daquilo que comumente chamamos de humanidade. Registros arqueológicos apontam sua existência em rituais religiosos muito antes do próprio aparecimento da escrita, como observado em livros de pesquisadores sobre o tema como Escotado (2005) ou Eduardo Vargas (2001). Quando se fala da relação entre o uso destas substâncias e a arte ou a literatura a relação não é menos imbricada.

varios entre los más grandes líricos griegos (Arquílocos, Alceo, Anacreonte) cantaron sin reservas el zumo fermentado de la vida como vehículo de iluminación artística, y entre los autores dramáticos la situación era bastante análoga. Algunas tradiciones convergen en señalar que Sófocles reprochaba a Esquilo no saber lo que escribía - aunque escribiera lo debido - por componer sus obras en estado de embriaguez. Epicarmo consideraba la lírica incompatible con la sobriedad, y Simónides pensaba lo mismo en relación con la comedia. (ESCOHOTADO, 2005, p.151)

O debate contemporâneo acerca do tema, pós-proibição internacional da circulação de muitas das substâncias que hoje consideramos drogas, faz perder de vista que durante milênios estas circularam sem a égide repressiva da lei ou do pecado, desembocando em relações religiosas, artísticas, recreativas ou terapêuticas. Este artigo pretende observar algumas rebeldias que surgem na relação do usos de substâncias

¹ mestrando em ciências sociais pela PUC-SP

psicoativas a partir da escrita e da vida de William Burroughs em seu livro *Junky*, um romance escrito no interior de uma associação de amigos que ficou conhecida como geração *beat*. Este bando era formado por literatos, vagabundos e pequenos ladrões que afetados por leituras como *Uma visão*, de Yeats ou *Ópio* Cocteau, arremessaram-se na experiência com as drogas para o risco da experiência de estados alterados da consciência e as possíveis explorações da percepção, incluindo aí a literatura.

Para além do próprio Burroughs, pode-se citar entre estes amigos, responsáveis por produções e relações muito diferentes entre si, Jack Kerouac, apreciador de álcool e benzedrina, escritor com uma linguagem linear e direta como no livro *On the Road*; Allen Ginsberg, experimentador de drogas alucinógenas e poeta de versos longos como em *O Uivo*; Gary Snyder, poeta zen budista de versos curtos trabalhados a partir de uma estreita relação com os *hai-kais* japoneses; ou Herbert Huncke, pequeno ladrão, adepto dos opiáceos ou outra droga qualquer e que só escreveu um livro, a sua autobiografia, na década de 1980.

Burroughs, junto de todos estes amigos se interessou pelas drogas por conta da alteração da consciência, um estoque de imagens que podem ser adquiridas por meio da experiência com psicoativos e que acarretam em um trabalho mútuo entre escrita e uso de psicoativos, onde as práticas se voltam mutuamente em um trabalho sobre o própria pessoa. Descreve comumente em seus livros estados alterados relacionados ao uso das mais diversas experiências, boas ou ruins, com psicoativos como: maconha, anti-histamínicos, peyote, cogumelos, álcool (principalmente vodka com coca-cola), heroína (e também morfina, oxycodana, dolantina, paregóricos e demais variantes de opiáceos), benzedrina, barbitúricos, etc. Sua literatura emerge de um desdobramento do discurso literário sobre os psicoativos, que pode ter como uma de suas procedências o livro *Confissões de um comedor de ópio*, de De Quincey, e sempre bate de frente com o proibicionismo, construído globalmente a partir de sua elaboração no interior de seu próprio país.

Neste sentido, O filósofo francês Michel Foucault, em seus dois últimos cursos no *Collège de France*, *O governo de Si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984), tratou do tema da *parresía*, elaborando algumas análises das quais este artigo

pretende lançar mão e desdobrar para um análise da existência de Burroughs. Parresía é um tipo de veridicção do discurso presente na antiguidade grega que se desdobrou ao longo da história em diversas formas desta veridicção que chegaram, por exemplo, até a emergência do asceta cristão. Por mais que em *A hermenêutica do sujeito*, esta noção de parresía já tenha sido analisada a partir de sua relação com a estética da existência é nestes últimos cursos que se detém mais minuciosamente neste tema.

Parresía é uma palavra grega traduzida por franco falar. Consiste em "dizer a verdade, sem dissimulação, nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la"(FOUCAULT, 2011,p.11). É um dizer-a-verdade que precisa necessariamente conter certo risco no proferir desta verdade, risco este que pode levar a morte do próprio sujeito que enuncia. Risco este que é movimento por uma coragem na emanção da verdade, é preciso ser corajoso para atirar neste mar aberto de incertezas desta verdade que, como também mostra Foucault, faz a palavra parresía grega assumir o valor pejorativo equivalente a de um "tagarela impertinente", alguém que não tem medo em se levantar e proferir uma franqueza ácida mesmo contra um superior que pode exterminá-lo.

Um dos exemplos diretos desta forma de dizer-a-verdade é a insolência cínica que pode ser observada em Diógenes. Diógenes foi prisioneiro de Filipe na batalha de Queroneia. Alexandre Magno encontra-se com o cínico que lhe pergunta: Quem é você? Alexandre lhe responde que é o grande rei, e "nesse momento Diógenes responde: eu vou lhe dizer quem eu sou, sou Diógenes, o cão" (FOUCAULT, 2011, p.260).

Dos diversos desdobramentos que a noção de parresía apresentou na antiguidade, analisados minuciosamente pelo filósofo francês, é justamente nos cínicos que este artigo apresenta interesse. Os cínicos radicalizam a relação entre fala e franqueza em seu modo de vida. Uma franqueza da existência. Se a existência como parte da franqueza já era tema encontrado antes (tendo como marco o diálogo *Lacques* de Platão), aqui ele é escandalizado.

Parece-me, que, no cinismo, na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente marcante – com regras, caracterizações, ou modos muito caracterizados, muito bem definidos – é fortemente articulada no dizer-a-verdade

corajoso, do dizer-a-verdade que leva sua coragem e sua ousadia até se transformar em intolerável insolência (FOUCAULT, 2010c, p.144).

Os cínicos provocam um escândalo em toda sociedade de sua época. É a forma de vida cínica que acarretará também na manifestação da verdade debochada, uma manifestação da verdade em forma de insolência, deboche e derrisão. Tem-se no cerne da parresía cínica, a vida como o escândalo da verdade. Existe um preceito que implica nesta forma de elaboração ética: a *alteração do valor da moeda*. Este consiste em alterar a própria vida; inverte-se o valor das normas sociais para se elaborar uma vida outra, porque a vida verdadeira é a vida outra

Assim, tem-se por exemplo, a inversão da visão do homem como definido pela boa razão grega, e o investimento em se escancara o bicho homem. Daí têm-se Diógenes se masturbando em público, o sexo em público (comer pelas ruas na antiguidade era considerado ato horrendo). A vida cínica é a vida como escândalo da verdade.

Foucault (2011) , a respeito de possíveis desdobramentos desta parresía em tempos mais próximos ao nosso deixa alguns pequenos esboços de análise para o que chama de uma análise do cinismo trans-histórico. Repara respingos deste tipo de vida como escândalo da verdade em três diferentes estilos de vida: a cultura cristã (pelas práticas do ascetismo em dominicanos e franciscanos, práticas anti-institucionais), a vida revolucionária dos séculos XIX e XX (o que chama de militantismo, a expressão de uma vida revolucionária como um etilo de existência) e a arte moderna.

Na arte moderna como veículo do cinismo pode-se observar duas pistas deixadas por Foucault que interessam diretamente para as inquietações que movem este artigo. A primeira é de que " no fim do século XVIII, correr do século XIX (...) [apareceu] algo que é totalmente singular na cultura européia: a vida de artista. (...) É a idéia, moderna creio, de que a vida do artista deve, na forma mesma que ela assume, constituir um testemunho do que é a arte em sua verdade. (...) sua vida deve ser a manifestação da própria arte em sua verdade" (FOUCAULT, 2011, p.164)

Por conseguinte, têm-se também na arte moderna que a própria arte não deve ser mais da ordem da ornamentação, da representação ou dos critérios estilísticos calculados e sim da ordem do "desnudamento, do desmascaramento, da decapagem, da escavação, da redução violenta ao elementar da existência" (FOUCAULT, 2011, p.165). E com isso a arte passa então a ter uma relação com a cultura e com as normas sociais que são da "redução, recusa e de agressão" (FOUCAULT, 2011, p.165), uma função estritamente anticultural. Pode-se ver este veículo cínico portanto, segundo o próprio Foucault, "de Manet a Francis Bacon, de Baudelaire a Samuel Beckett ou Burroughs." (FOUCAULT, 2011, p.165).

São estas pistas deixadas por Foucault, precisamente a vida artista na elaboração da vida outra e a relação de desnudamento e redução ao elementar da existência que acarreta numa relação de agressão a cultura e com as normas sociais, que podem ser analisadas a partir da existência do artista estadunidense William Burroughs.

Burroughs nasceu em 1914, mesmo ano da lei de narcóticos, que restringiu estas substâncias nos Estados Unidos da América. Lei esta que, do ponto de vista legal, instaura a distinção entre traficantes e *addicted*s (comumente traduzido em línguas latinas por viciado) ambas passíveis de punição. Instaurava-se uma série de práticas reguladoras por parte do governo estatal e das associações médicas, junto à influência de uma moral puritana² abstencionista que crescera a partir do século XIX. É neste momento também que

A associação médica e farmacêutica norte-americana entrou no jogo pelo poder regulador de drogas, aproveitando o grande crescimento do apoio político e social que a causa proibicionista conseguira a partir de 1910. (...) Estava evidente para a Associação que havia sido desencadeado um processo de medicalização das relações entre indivíduos e as drogas disponíveis, e que o caminho delineado era o de controle através da utilização do saber médico. (RODRIGUES, 2004, p.49)

² Thiago Rodrigues (2004) mostra as procedências de uma política proibicionista nos Estados Unidos da América por meio do entrecruzamento de fatores políticos, sociais, religiosos, econômicos e morais.

Antes deste momento, ópio, em forma de elixires conhecidos como paregórico ou láudano, ou a morfina, após a o isolamento do alcalóide do ópio em 1804, e ainda heroína presente em diversos remédios incluindo os para questões de saúde relativamente simples como a tosse, estavam disponíveis em qualquer farmácia. Após a lei, o controle médico se acirra com as diversas regulamentações que iriam surgir conseqüentemente, no entanto a medicina não deixa o seu papel de fornecedor das substâncias agora tidas como ilegais.

Há diversas variedades de doutores passadores de receita. Alguns vão prescrever somente se estiverem convencidos de que você é um viciado; outros apenas se estiverem convencidos de que você não é. A maioria dos viciados vai com uma história amaciada por anos de uso. Alguns afirmam ter cálculo biliar ou pedra nos rins. Essa é a história mais usada; um doutor normalmente se levanta e a abre a porta assim que você menciona cálculo biliar. Tive melhores resultados com neuralgia facial, depois de checar quais eram os sintomas e decora-los.(...)

Os médicos alimentam tantas idéias exageradas a respeito da própria posição que geralmente uma abordagem direta é a pior possível. Mesmo que eles não acreditem na sua história, ainda assim querem ouvir uma.(...) Um homem desempenha o papel do médico magnânimo que nem por mil dólares, passaria uma receita antiética. O outro faz o melhor que poderia para atuar como um verdadeiro paciente. (...) Você tem de estabelecer uma boa relação de cabeça com os médicos, do contrário não chegará a lugar algum. (BURROUGHS, 2005, pp79-80)

Burroughs tinha certo conhecimento médico. Coursou medicina em 1937 na cidade de Viena durante um ano, até sair do país³ devido ao aumento da presença nazista. Também rejeitou o curso de medicina após notar a estrita relação do saber com a política fascista alemã. Neste trecho, além de desnudar a relação cotidiana dos médicos passadores de receita sinaliza para tônica que viria a constituir o seu tempo, e, se desdobraria até hoje com a frase "você tem de estabelecer uma boa relação de cabeça com os médicos, do contrário não chegará a lugar nenhum". A ampliação da medicalização necessita que você, não necessariamente ele, mas cada um, passe por uma relação com a medicina.

³ Quando sai do país casa-se com a judia Ilse von Kappler, para que ela consiga fugir do avanço nazista do país através de um visto para os Estados Unidos.

Conheceu muito bem possíveis efeitos do imbricamento do proibicionismo nascente com a Lei Harrison e a medicina. Seu tio, Horace Burroughs, após se habituar ao uso de morfina, receitada por questões médicas antes da proibição, se suicida meses após a regulamentação da lei. Encerra a sua vida após sentir nas tripas que o seu modo de vida havia sido proibido. É também deste modo que Burroughs trata o drogado em seu primeiro livro publicado, *Junky*. “A droga pesada [*junk] não é, como o álcool ou a erva, um meio de obter prazer na vida. A droga [*junk] não é um barato. É um estilo de vida”⁴ (BURROUGHS, p.55, 2005).

Este livro, a partir desta frase final do prólogo, passa a descrever minuciosamente as sensações do uso das drogas, as dores da abstinência, o submundo e as relações entre drogados e traficantes, a abordagem da questão por policiais, psiquiatras e o funcionamento dos tratamentos de reabilitação pelos quais passou. Este tipo de minúcia leva Oliver Harris – editor e pesquisador da obra de Burroughs – a tratar a obra como uma “etnografia do vício”. Parte inclusive do fato de Burroughs ter cursado antropologia em Harvard (onde também cursou literatura inglesa) e na Universidade da Cidade do México. O mesmo realiza seu biógrafo Barry Miles (1992 e 2012).

No entanto, Burroughs não dirige seu olhar a outros povos e sociedades, nem a algo fora de si mesmo. Se descreve o modo de vida do *Junkie*, seus problemas com a lei, a forma de abordagem policial, os processo de internação e a psiquiatria de seu tempo, a descobre a partir daquilo que viveu na pele. O que emerge do texto é o seu próprio estilo de vida, que ele escancara no livro com o intuito de confrontar o que chama de mito oficialmente propagado.

Neste livro, escrevi o que sei a respeito da droga e das pessoas que a usam. A narrativa é ficcional, porém baseada em fatos da minha própria experiência.

⁴ A tradução para língua portuguesa do livro *Junky* encontra alguns equívocos que soam anacrônicos. O livro é escrito em 1949, e nesta época ainda não havia a distinção entre aquilo que se considera *drgoas leves* e *drogas pesadas*. A palavra *Junk* é muitas vezes traduzida como droga ou droga pesada nesta tradução, tal qual *Junkie* é traduzido por viciado. Não se trata exatamente disso. *Junk* se refere ao grupo de drogas dos opiáceos e *Junkie* seu usuário frequente. Em algumas passagens do livro Burroughs utiliza o termo referente ao vício *addict*, horas utiliza o termo existente antes do proibicionismo *habit-foarming*. Neste artigo as palavras do original serão destacadas entre colchetes com asterisco a partir da edição da editora Groove Press em versão Kindle ebook.

(...) A propaganda oficial se opõe a qualquer dado factual sobre as drogas, portanto quase nada de correto foi escrito sobre o assunto. Quando os jornais, as revistas e os filmes tratam da droga, raramente desviam-se do mito oficialmente patrocinado. Exporei aqui os principais pontos de tal mito (BURROUGHS, 2005, p.247).

É na intenção de desnudar tal mito que Burroughs enfatiza sua escrita na relação entre estilo de vida e literatura, o que torna o livro secundário em relação a vida. O que está em jogo não é a criação de uma obra artística, mas a elaboração de uma vida em trabalho direto com a escrita. Uma vida outra, um estilo de vida que emerge da literatura, em conjunto com a literatura que emerge da vida. Esta questão do desnudamento e da decapagem pode ser vista na escrita de outro livro, o *Almoço nu*, em que comenta a intenção do livro como sendo a de "desnudar a pena capital" (BURROUGHS, 2005a, p. 252), afinal, " como sempre o almoço esta nu. Se os países civilizados desejam um retorno aos rituais de enforcamento dos Druidas nos bosques Sagrados, ou beber sangue com os astecas alimentando seus Deuses com sacrifícios humanos, que tenham plena consciência do que realmente estão comendo e bebendo. Que vejam de perto o conteúdo da colheres compridas e servidas a eles pelo jornais." (BURROUGHS, 2005a, p. 252). Esta passagem de *Almoço Nu*, nos revela uma questão que ataca diretamente a questão das drogas: a penalização e a constituição do crime, este sendo o momento em que elas se tornam o problema.

Se já tinha escrito em carta a Allen Ginsberg: " There is no connection between "crime" and ethics: the sadistic atrocities of the Nazi S.S were not 'criminal'"⁵ (BURROUGHS, S/D, KINDLE EBOOK, posição 912), também escancara em entrevista que a constituição da Lei Harrison é o início do chamado "problema das drogas": "obviamente as drogas só viraram um problema quando se tornaram ilegais, antes não havia problema algum" (BURROUGHS in: LOPES, 1996, p.86). Escancara-se o óbvio, a constituição do crime e da lei como a formação do problema, a criação do delito é a criação do problema.⁶

⁵ "Não há conexão entre crime e ética: As atrocidades sádicas do nazismo não eram crime" (tradução pessoal)

⁶ Para compreender mais a este respeito, pode-se observar as análises do abolicionista penal holandês Louk Houlsmán. "O que há de comum entre uma conduta agressiva no interior da família, um ato violento cometido no contexto anônimo das ruas, o arrombamento de uma residência, a fabricação de moeda falsa, o favorecimento pessoal, a receptação, uma tentativa de golpe de estado, etc? Você não

Essa agressão violenta, a redução violenta ao elementar da existência e o desnudamento da experiência tocam tanto a vida de Burroughs quanto o seu livro *Junky*. Assim encontramos uma atitude-escrita de insolência em passagens como: "o vício [*addiction] arruína a saúde e leva à morte precoce. Já li o seguinte num artigo de revista: " os viciados em morfina [*morphine addicts] tem os dias contados na Terra". E quem não tem?"(BURROUGHS, 2005, p.249). É a relação entre verdade e insolência que se estabelece, profere a verdade de que a vida culmina na morte, ao mesmo tempo que tem esta atitude da ordem da derrisão. Não se trata somente do texto, não é uma ornamentação retórica, é a o a produção de um estilo de vida que irrompe, uma vida outra. Outro momento também explicita este tipo de atitude:

"Fez a pergunta que todos fazem: "Porque acredita necessitar de narcóticos, senhor Lee?"

Quando você ouve essa pergunta, pode ter certeza de que o homem que a fez não sabe nada a respeito da droga[junk].

-Necessito dela para levanta da cama de manhã, fazer a barba e tomar o café.

-Fisicamente, quero dizer.

Dei de ombros. Melhor dar-lhe logo seu diagnóstico para que vá embora.

-É uma viagem bacana

A droga [junk] não é uma "viagem bacana". Para um usuário, a questão da droga [junk] é que ela vicia[forms habit]. Ninguém sabe o que a droga é até adoecer por causa dela.

(...)-A Sua vida sexual é satisfatória? Você e sua esposa têm relações satisfatórias?

-Ah sim. Quando não estou drogado.

descobrirá *qualquer* denominador comum na definição de tais situações, nas motivações dos que nelas estão envolvidos, nas possibilidades de ações visualizáveis no que diz respeito à sua prevenção ou à tentativa de acabar com elas. A única coisa que tais situações tem em comum é uma ligação completamente artificial, ou seja, a competência *formal* do sistema de justiça criminal para examiná-las. O fato de elas serem definidas como "crimes" resulta de uma decisão humana modificável (...). Um belo dia, o poder político para de caçar bruxas e aí não existem mais bruxas. (...). É a lei que diz onde está o crime; é a lei que cria o "criminoso" (HULSMAN,1993, p.64)

(...)

-Bem, Verei o senhor novamente - Erubescer e investiu de forma estranha até a porta. Tomara-o por um farsante quando entrara no quarto (estava obviamente representando um papel de auto-afirmação para si e para outros), mas esperara um adversário mais forte e mais profundo.

O médico disse à minha mulher que o prognóstico era péssimo. Minha atitude em relação à droga era do tipo "e daí?". Uma recaída era esperada, porque os determinantes psíquicos de minha condição permaneciam atuantes."

(BURROUGHS, 2005, pp.166-167)

Esta passagem é o momento em que Burroughs é internado no sanatório de New Orleans, devido à sua prisão por porte de drogas. O Diálogo retrata a maneira pela qual Burroughs confronta a autoridade psiquiátrica. Insolência que também escancara que a questão "porquê você usa drogas?" é uma questão insuficiente. As drogas foram utilizadas durante toda a existência humana, o porquê não é certo⁷. A questão relevante, como mostrado a seguir pela prudência, seria o como se usam as drogas.

Mas existe uma outra questão que aponta rumo a esta *parresía* de Burroughs e que será esboçada parcialmente neste artigo, a partir de alguns dados que decorrem de minha pesquisa de mestrado ainda em andamento. O primeiro ponto seria o confronto com a categoria droga. Ao longo do livro, Burroughs ou se refere a *Junk*, quando trata os opiáceos, ou se refere ao nome de cada substância específica, como neste caso com a cocaína:

A cocaína é chapação pura. Levanta você na hora, com um levantar mecânico que começa a chegar ao fim tão logo você o sente. Não conheço nada como C para levantar alguém, mas a levantada dura apenas uns dez minutos. Então você quer outra picada. Você simplesmente não consegue parar de injetar C; enquanto ela está ali, você se pica. Quando você injeta C, injeta mais M para aumentar o barato da C e amaciar as arestas. Sem M, a C deixa você agitado demais; além disso, a M é um antídoto para a overdose de C. (...) Não há vício de C. (BURROUGHS, 2005, pp.195-196)

⁷ A este respeito cf. VARGAS, 2006

Tanto Escotado (2005), quanto Thiago Rodrigues (2003), apontam que a classificação de substâncias psicoativas em torno do termo droga expressa uma relação de poder. Esta categoria agrupa substâncias completamente diferentes, como estimulantes ou alucinógenos; do paracetamol ao chá de fita, forma-se um arcabouço sem precisão e,

"Esta mal aplicação, que resumem as drogas ilícitas, sobre nomenclaturas imprecisas, devem parte de sua existência a práticas e hábitos classificatórios que se reproduzem, mas que também, da perspectiva política, acabam cumprindo uma função importante, que são o alvo da perseguição governamental. Assim, o inimigo fica agrupado, fato que torna mais fácil a declaração de guerra às drogas" (RODRIGUES, 2003, pp 21-22).

Burroughs trabalha estas substâncias de uma outra maneira, como apresentado em uma entrevista a Daniel Odier em 1966:

A morfina é na verdade um antídoto para o envenenamento de cocaína; a cannabis é uma substância sem nenhuma afinidade fisiológica seja com a cocaína ou a morfina. Mesmo assim, tanto cocaína, morfina e cannabis são classificadas como drogas narcóticas. É inegável que o termo 'droga' possui um impacto emocional. Mas, usado de uma forma tão livre, não possui nenhum significado preciso. (BURROUGHS in Cohn, 2010, 172)

De certa forma, Burroughs reativa a noção grega de *pharmakón*, que significa ao mesmo tempo remédio e veneno. Na Grécia antiga, estas substâncias eram agrupadas entorno desta noção que não apresentava o uso de nenhuma delas como um mal per se, muito menos o estado que delas se deriva. Tratava-se da distinção entre um *mal uso* e um *bom uso*.

"Cura y amenaza se solicitan recíprocamente en esta orden de cosas. Unos fármacos serán mas tóxicos y otros menos, pero ninguno será sustancia inocua o mera ponzoña. Por su parte, la toxicidad es algo expresable matemáticamente, como margen terapeutico o propoción entre dosis activa y dosis mortífera o incapacitante. (ESCOHOTADO, 2005, p.20)

Neste sentido, o problema do uso pode ser diretamente vinculado ao tema da *prudência*, tal qual trabalha Deleuze:

Com que prudência necessária, a arte das doses, e o perigo, a overdose. Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina. Inventam-se autodestruições que não se confundem com a pulsão de morte. Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor. No limite, desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação. A significância cola na alma assim como o organismo cola no corpo e dela também não é fácil desfazer-se. E quanto ao sujeito, como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante? Arrancar a consciência do sujeito para fazer dela um meio de exploração, arrancar o inconsciente da significância e da interpretação para fazer dele uma verdadeira produção, não é seguramente nem mais nem menos difícil do que arrancar o corpo do organismo. A prudência é a arte comum dos três; e se acontece que se tangencie a morte ao se desfazer do organismo, tangencia-se o falso, o ilusório, o alucinatório, a morte psíquica ao se furtar à significância e à sujeição. (DELEUZE, 2008, pp22-23)

A prudência aqui não é uma restrição dada *a priori*, mas uma prudência experimental, que na expressão da própria existência calcula a dose e a medida interligada com o desejo. O que interessa em Burroughs, é propriamente esta prudência experimental que pode ser atribuída tanto ao cálculo da dose, quanto ao momento em que ele entende que necessita de uma internação, ou algum método de redução de modo que governe seu "vício".

Burroughs, habituou-se à morfina / heroína desde a década de 1940, e desde então passou pela internação no sanatório de New Orleans, em Lexington, e um tratamento com apomorfina na Inglaterra. Se jogando nestes espaços de reclusão tanto por força da ocasião, como a detenção policial em New Orleans, como por vontade própria, na medida em que sente que o seu hábito o estava prejudicando. Mas também realiza paradas voluntárias com técnicas de redução:

*Imaginei que seria o suficiente [a quantidade de morfina] para me manter, pois havia planejado cuidadosamente um cronograma de redução de consumo. Deveria da para doze dias. Além da droga [*junk] em solução, eu levava uma garrafa de água destilada. Cada vez que pegasse uma gota da solução, deveria*

*colocar a mesma quantidade de água destilada. Em certo momento, estaria me picando com água destilada, pura e simples. Este método é bastante conhecido de todos os drogas [*junkies]. Uma de suas variações é chamada de tratamento chinês, e se dá com ópio e tônico Wampole. Depois de algumas semanas, você se vê injetando wampole puro. (BURROUGHS, 2005, p.122)*

Existe um governo do próprio vício, que necessita de interrupções e paradas que variaram ao longo de sua vida entre meses e anos.

Ao trabalhar as substâncias psicoativas de maneira particular, se referindo a cada uma em separado, descreve a maconha da seguinte maneira:

*" Em 1937, a erva estava categorizada sob a Lei Harrison contra os narcóticos. As autoridades da divisão de narcóticos declaram que ela é uma droga viciante [*habit-forming drug], que seu uso é prejudicial à mente e ao corpo, e que leva os usuários ao crime. Vamos aos fatos: com toda certeza a erva não é viciante [*habit-forming drug]. Você pode fumar erva por anos e não vai sentir desconorto se o fornecimento for interrompido. Já vi maconheiros na prisão, contudo nenhum deles demonstrou qualquer síndrome [8sintomas, symptoms] de abstinência. Em quinze anos, eu mesmo passei por período de fumar erva, porém nunca sentia falta quando o fumo acabava. A erva é menos viciante [* less habit to weed than the is tobacco] do que o cigarro.*

Certa vez consegui, com a erva, dar um tempo no vício da droga [habit on junk"]. "(BURROUGHS, 2005, pp76-77)*

A maconha também aparece em Burroughs, como uma das técnicas que utilizou para dar um tempo com a *Junk*. Mas outra questão salta aos olhos, um questão que a tradução para a língua portuguesa silencia. Na maior parte do livro, Burroughs não utiliza a expressão *addiction*, cuja nossa tradução é vício, e sim *habit*, ou *habit-forming*. A noção de hábito remete ao século XVIII, onde não havendo a categoria médica de vício a distinção era entre habitados e amadores (ESCOHOTADO, 2005). A categoria médica do vício emerge no século XX, juntamente com a proibição, englobando as drogas em torno do mal em sim que estas substâncias causariam. Como já apresentado neste artigo, poucas são as drogas que para Burroughs causam este hábito, e é preciso ter em conta que com isso ele designa a substância que a partir de

sua retirada causa uma doença, a *junk sickness*. Relata inúmeras vezes em que esteve com esta abstinência:

*"A doença da abstinência [*junk sickness] afeta as pessoas formas diferentes. Algumas sofrem principalmente de vômitos e diarréias. O tipo asmático, de peito estreito e fundo, está sujeito a ataques violentos de espirros, olhos lacrimejantes, nariz congestionado e, em alguns casos, espasmos dos brônquios, que se fecham, impedindo a respiração. No meu caso, a pior coisa é a queda da pressão, com consequente perda de líquido corporal e extrema fraqueza, como se eu houvesse sofrido um choque. A sensação é como se a energia vital houvesse sido cortada e as células no corpo comesçassem a sufocar. Deitado ali no beliche, senti como se estivesse virando uma pilha de ossos"* (BURROUGHS, 2005, p.159)

O que ele declara é que, não é possível comparar, por exemplo, uma substância como a cocaína, em que você sente o que ele chama de "fissura", após o uso interrompido, e que caso você não consiga novamente a substância você pode voltar para casa e dormir, com este efeitos do hábito em opiáceos.

No entanto, em dois momentos do livro, ele utiliza a expressão *addiction*, quando fala sobre a própria medicina, e quando fala da reabilitação na cidade de Lexington. A nível de hipótese, é possível relacionar estas passagens com o modelo médico propriamente dito. De qualquer maneira, Burrough tensiona esta categoria, de modo a não transformá-la em um universal e escancarar a diferença entre as substâncias enquadradas em torno de uma categoria também universal.

O que o modo de vida de Burroughs escancara, é esta característica da vida artista, da elaboração de uma vida outra, de uma transformação de si vinculada a parresía e a estética da existência⁸ em sua relação com os psicoativos, por meio de uma relação de prudência que acarreta em um governo de si, um governo do hábito, que não

⁸ Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2009a, pp.17-18).

implica em controle ou regulação do hábito. Todas as substâncias psicoativas apresentam o ingovernável e o risco. Estas experiências não estão predispostas a cálculos. Mas existe um governo na relação de Burroughs para com estas substâncias que em meio a este ingovernável, e o risco que esta própria relação apresenta (você pode morrer utilizando diversas substâncias psicoativas), alcança um trabalho ético sobre si mesmo.

Não é fortuito que seu livro *Almoço Nu* tenha sido censurado por obscenidade nos EUA até o ano de 1966. Também não é fortuito que durante uma convenção do partido republicano no mesmo país os *beats* tenham sido nomeados, junto aos comunistas, como os maior inimigo dos Estado unidos. A agressão a cultura culminou em uma reação política conservadora enérgica.

É preciso, por fim, ressaltar que estes são alguns apontamentos de uma pesquisa em andamento, breves esboços para se traçar uma relação entre drogas, Burroughs e a *parresía*. E que, de outro lado, é importante não perder de vista que hoje, o termo vício deu vez a dependência e que a psiquiatria, deu vez, muitas vezes, as neurociências, e que a partir desta configuração, novos governos foram produzidos.

Referências Bibliográficas

BURROUGHS, William .2005..*Junky*. Tradução . Ediouro: Rio de Janeiro

_____.2005a. *Almoço Nu*.. Tradução Ana Carolina Mesquita.
Ediouro: Rio de Janeiro

_____. S/D. *The Letters of William S. Burroughs, Burroughs 145- 1959*. New York: Penguin. Kindle Ebook.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 2008. *Mil Platôs Vol.2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34.

ESCOHOTADO, Antonio. 2005. *Historia General de Las Drogas*. Madrid: Editorial Espasa

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

FOUCAULT, Michel. 2010. *O Governo de Si e dos Outros*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes

_____. 2011. *A Coragem da Verdade*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes

GROS, Frédéric. 2004. "A parrhesia em Foucault (1982-1984)" in: *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial

HULSMAN, Louk. 1993. *Penas perdidas: o sistema penal em questão*. Tradução Maria Lucia Karam. Niterói: LUAM

LOPES, Rodrigo Garcia. 1996. *Vozes e visões: panorama da arte e cultura norte-americanas hoje*. São Paulo: Iluminuras

PASSETTI, Edson. 1991. *Das fumeries ao narcotráfico*. São Paulo: EDUC

VARGAS, Eduardo Viana. 2006. " Uso de drogas: a alter-ação como evento" in: *Revista de Antropologia vol. 49 n.2*. São Paulo: Usp